A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 40 | Domingo 1 de outubro | 1893

ROSA DAMASCENO

Até o nome d'ella relembra encantos de perfumada juventude. Nome de uma flor, cantada pelos poetas como a mais bella e a mais seductora; reminiscencias de um fructo de exquisito sabor e delicado aroma...

Aromas sempre! Ha artistas dramaticos em cujo talento prepondera o som, outros que tiram da luz os mais relevantes effeitos; Rosa Damasceno é sobretudo o perfume.

Quintenencia inebriante e estonteadora de um talento subtil, emanações rescendentes de uma perpetua aurora de maio, cornucopia primaveral d'onde jorra uma chuva de petalas aveludadas, de sorrisos de ouro, de captivante graça... A graça, exacto! eis a feição predominante do seu talento. Graça que banha as almas de um ineffavel clarão de bondade, e em cujos refinados segredos se perde ás vezes o espirito como n'uma vasta floresta odorosa onde a gente se compraz em andar perdido.

Não julguem que a musa dos madrigaes me dite interesseiros arrulhos de dramaturgo em veia de gratidão... A actriz anda longe, bem longe, a não sei quantas centenas de leguas, separada de nós pelo immenso Oceano, e nem illumina fugitivamente, por agora, a obscuridade de um trabalho meu. O echo ainda vivo dos applausos com que além-mar a saudaram é cortado n'este momento pelo brutal estridor, das granadas a vomitarem a devastação; e eu estou vendo com os olhos do espirito o apavorado desbotar d'aquellas faces, susto de flôr levada para um ambiente revolto pelo vendaval...

Que volte depressa! Temos saudades d'ella! Aqui tudo é paz e harmonia; os odios politicos contentam-se com o bombardeamento da rhetorica parlamentar, com a fuzilaria dispersa do jornalismo. Não haveria região mais propicia para essa prestigiosa e constante florescencia do que este paiz onde os outomnos são de ouro e os invernos de azul, se... Ah! se a Arte tivesse n'elle os seus templos, tão cuidados e tão cheios de aras votivas como os de Juno.

Mas a pobre deusa quasi não tem culto official na religião do estado. E ainda nos devemos dar por satisfeitos quando a carrancuda auctoridade não lhe applica com todo o rigor aquelle celebre artigo 6.º da Carta, obrigando os devotos a adoral-a em casas para isso destinadas, *sem fórma exterior de templo*. Pelo menos, o Estado dá um exemplo frizante da sua severidade a tal respeito, nos paredões da Academia das Bellas-Artes.

Podera! a desdenhosa indifferença que á burguezia preponderante merece a Arte synthetisa-se n'este dito de um grave e poderoso conselheiro, quando em tempos se tratou da creação do gorado ministerio de instrucção publica:

— Que tolice! Instrucção publica... vá que não vá! Sempre é bom que p'r'ahi se aprende alguma cousa... Mas Bellas-Artes!.. boa asneira!... Os senhores fazem favor de me dizer p'ra que servem as Bellas-Artes?

Mas o theatro ainda alcançou dos poderes, não sei bem como, uma sumptuosidade architectonica fóra dos usos. Columnas gregas, friso parthenonico, e o Gil Vicente a campeiar lá em cima, abençoando a sua raça.

E a ella pertence, indubitavelmente, Rosa Damasceno. Da extensa galeria do poeta quinhentista quantas graciosas figuras se destacam onde palpita a previsão do talento flexivel e juvenil d'esta actriz do seculo XIX! Cito de memoria, por não ter n'este momento os meus livros, aquella encantadora Lediça, da *Floresta dos Enganos*, se não me engano tambem, aquella maliciosa Lediça que faz andar n'uma poeira o seu grave apaixonado, a deliciosa padeirinha que transforma em amassadeira um rigido doutor que estudou leis em Salamanca, eriçado de sentenças latinas e transtornado pelos olhos gaiatos da pequena.

A simplicidade é o grande encanto de Gil Vicente. É a simplicidade que, sem a gente dar por isso, nos seduz em Rosa Damasceno. Polvilhar de malicia uma phrase, o primeiro declamador o faz sem difficuldade. Mas dar-lhe a correspondencia exacta e frizante da intonação, da expressão phisionomica, do gesto, e isto sem esforço, sem sombras de artificio, só uma grande actriz, como Rosa Damasceno, o sabe achar de repente.

Não existe para o auctor dramatico supplicio mais torturante do que assistir aos primeiros ensaios de leitura da sua obra. Ou não havia dramaturgos no tempo de Dante, ou o grande florentino teve ainda dó dos condemnados, para não incluir n'um dos circulos do Inferno algum desalmado carrasco, como são n'estes casos — perdoem-me elles — quasi todos os actores.

Pois bem! Rosa Damasceno é uma excepção deliciosa a esta regra. Desde o instante em que um papel lhe passou sob os olhos, o seu espirito subtil apanhou-lhe immediatamente a forma tangivel, envolveu-se na roupagem tecida pelo poeta, pormenorisou as modulações, adivinhou as intenções, desvendou á vista espiritual do surprezo dramaturgo a sua personagem estremecida a passeiar pelo palco, a sorrir, a conversar, a viver no mundosinho por elle creado e só para elle luminoso até alli, tão real e perfeitamente como elle proprio se sente viver e palpitar n'aquelle tablado escuro e poeirento, que um escasso gaz alaga de sombras. Intuição verdadeiramente maravilhosa, prodigio de inspiração artistica, que evita á actriz a laboriosa adaptação do seu ser ás curvas caprichosas do molde, onde ella, de uma maleabilidade assombrosa, entra de golpe.

Mas um facto verdadeiramente excepcional caracterisa ainda o talento artistico da eminente actriz portugueza. Grande numero dos seus collegas, exclusivamente dedicados a um genero, sentem-se em absoluto desorientados, *dépaysés*, em papeis de genero differente. Rosa Damasceno tem a habilidade incomparavel de adaptar os papeis mais diversos á indole especial do seu talento; sem alterar as linhas geraes do molde, sem prejudicar a plastica da personagem, forma-a de um metal quasi sempre, direi mesmo sempre, mais precioso, mas menos sonoro e menos imponente; quando não póde fundir a estatua em bronze, funde-a em ouro; por outra ainda, quando o seu temperamento não lhe permitte encarnar-se no papel, tal como o poeta o sonhou, é a personagem de imaginação que ella obriga a encarnar-se em si. Aos ignorantes, aos enfatuados de sceptico desdem, passará este facto desapercebido, ou tentarão transformar este *tour de force* n'uma tentativa gorada que merece os seus alarves sorrisos. Para mim não ha mais surprehendente manifestação do poder de um enorme talento, encaminhado por uma lucida razão.

Um exemplo devéras frizante d'esta rarissima habilidade está na fórma verdadeiramente notavel com que Rosa Damasceno soube traduzir, porque assim o digamos, ou antes cambiar sem perda para a moeda corrente do seu talento, aquella figura quasi impalpavel, quasi intangivel, nebulosa, radiante e vaga, da Ophelia. É a figura surprehendida pelo gigante poeta nas suas apotheoticas visões, feita de raios de luar e de perfumes ethereos? Não é decerto; e no entretanto, embora o sintamos, quasi nos regosijamos em a vêr mais proxima de nós, mais longe do ceu, mas sempre coherente, sem nada perder da sua delicada suavidade, na reproducção que soube dar-lhe a nossa gentil compatriota.

Mas que perfeição absoluta e extrema nas creações onde ella pode á vontade prodigalisar os exhuberantes recursos do seu talento! Malicia fugaz, alegria juvenil, encantadora melancholia, tudo isto, posto ainda mais em relevo por uns leves toques de sentimento, passando sobre as suas phrases como rapidas e tenues lufadas que apenas agitam a corolla das flores, na campina. E o seu riso cristallino e doce, como o devera ser o das fadas dos bosques, fazendo estremecer a copa severa do arvoredo! Como lembra a travessura d'aquella nympha virgiliana, recordam-se?

Malo me Galathea petit, lasciva puella...

Ah! decididamente temos saudades d'ella! Que venha depressa! A sua voz, de um timbre delgado como o de uma campanula de ouro, deve repousar-nos dos echos d'essas vozes do aço destruidor, que nos trazem os ventos do Atlantico! A fumarada espessa da polvora não lhe fez perder um atomo do captivante perfume, a essa Rosa que esperamos anciosos. Até dos seus pequeninos espinhos — que os tem decerto, como as outras rosas — nós temos saudades tambem! Ella sabe lançar tão espirituosamente o balsamo nos leves arranhões que elles produzem!

Venha depressa! Ha dias, passando pelo Rocio, pareceu-me tão carrancuda a figura do nosso velho amigo Gil Vicente! Não pude eximir a consolal-o no *in mente*.

— Deixa, meu velho! Ella não tarda!

Mas affigurou-se-me que o poeta lançava do seu seio de pedra uma imprecação similhante á do velho do Restello:

Dura inquietação d'alma e da vida...

E bradava sinistro:

— Ah! terra de Santa Cruz! terra de Santa Cruz! Maldito seja o Pedro Alvares Cabral!

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

No proximo numero, medalhão de João Ulrich. Artigo de Fernandes Costa.

POLITICA SEM POLITICA

A nota politica da semana parece-nos ser a seguinte:

Varios padeiros haviam feito um arremesso de vender o pão mais caro.

Aqui d'el-rei! gritou-se de todos os lados. O pão mais caro, não póde ser. Providencias, ao governo!

O pobre governo reuniu em conferencia, e depois de muito meditar o caso, sahiu-se com esta:

O pão não se venderá mais caro do que *tanto*, e para que os lucros possam compensar o fabricante, tão pouco haverá em Lisboa mais do que *tantas* padarias.

Nova berra. — Não póde ser, é um attentado contra a liberdade industrial!

É claro que é. Mas sómente se pergunta: a gritaria contra os que queriam elevar o preço do pão, não era tambem... um attentado contra a querida liberdade? Então, não está cada um no seu livre direito de vender o seu trabalho e a sua industria pelo preço que melhor lhe parecer?

Assim o governo está n'esta pittoresca e já proverbial situação: *preso por ter cão, e preso por não ter!*

Se o governo deixa encarecer o pão, aqui d'el-rei! Se o não deixa encarecer, aqui d'el-rei, tambem!

Ora vá-se lá ser juiz, com taes mordomos!

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

Na quinta-feira, anniversario natalicio de Suas Magestades El-Rei e a Rainha, festa nacional em todo o paiz.

Embandeiraram em arco e salvaram, durante o dia, os navios de guerra e as fortalezas, embandeiraram-se os edificios publicos, as legações e os consulados, houve feriado geral nas repartições do estado, vestiu-se de gala o exercito, e, ás 2 horas da tarde, realisou-se no Paço das Necessidades uma recepção solemne.

De pé sobre o estrado do throno, vestido com o uniforme de generalissimo e tendo ao lado sua augusta consorte, El-Rei assistiu ao desfilar das pessôas da côrte, dos diplomatas, dos ministros, dos pares do reino, dos sabios da Academia, dos deputados, dos titulares, dos altos magistrados, dos officiaes da armada e do exercito, que ali foram apresentar as suas respeitosas homenagens por tão faustoso dia.

Á noite, illuminaram-se os quarteis, os ministerios, o edificio da camara municipal, algumas egrejas e alguns predios particulares de fornecedores da casa real.

Para a recepção do Paço vieram Suas Magestades de Cascaes, onde regressaram á noite.

Aquella villa, que, durante a estação de banhos, é habitada pela familia real e pelas familias mais distinctas e mais elegantes da nossa sociedade, não podia deixar de se assignalar pelos festejos com que celebrou o faustoso acontecimento.

Todas as casas se illuminaram com balões venesianos, e na bahia produzia um effeito deslumbrante a corveta *Rio Lima*, cuja amurada e mastreação se desenhavam em pontos de luz sobre a escuridão da noite.

No club realisou-se uma animada *soirée*, em que se dansou até de madrugada.

* * *

Muitas familias, que nos mezes de verão sahiram de Lisbôa para as estações thermaes e para as praias do norte, regressaram já ás suas casas.

Do estrangeiro vieram com suas respectivas esposas os srs. ministros da Belgica e do Brazil. M. e M.me Veraghae, porém, ausentam-se de novo de Lisbôa, dirigindo-se para as Caldas da Felgueira, onde contam demorar-se até meiados de outubro.

Começarão em breve a florir as *crysantèmes*, que annunciam a despedida do verão e ao mesmo tempo o regresso a Lisbôa da sociedade elegante. O Chiado e a Avenida, que ainda ha poucos dias tinham o aspecto de solidão e abandono, vão readquirir a sua animação habitual. No fim do mez, com os theatros e os circos abertos, Lisbôa deixará de ser a triste e melancholica cidade que foi durante o estio, e, em vez das carroças que n'este momento percorrem as ruas, para a venda do pão barato, desfillarão as carruagens brazonadas, com equipagens elegantes e pomposas, deixando vêr, á sua passagem, os mais lindos e graciosos perfis, docemente reclinados nos espaldares *capitonnés*.

E então, mais uma vez, se confirmará a sentença biblica, quando diz que não é só de pão que o homem vive. *Non solo panem vivit homo.*

GRAZIEL.

A FONTE DOS AMORES

Mais uma flôr a ajuntar ao ramilhete, piedosamente depositado á margem da *fonte dos amores*. Esta colhemol-a no vergel dos *Soláos*, parte primeira e unica do *Cancioneiro* de J. F. de Serpa Pimentel (Visconde de Gouveia), publicado em Coimbra em 1849.

Na effervescencia do romantismo portuguez, o Visconde de Gouveia é uma das figuras que mais se destaca, senão pela grandeza da sua inspiração, pela originalidade dos seus poemetos, em que elle diligenciou imprimir a simplicidade da poesia trovadoresca. Os seus *soláos* fizeram furor, e não havia serão de provincia em que não fossem recitados e applaudidos com enthusiasmo. A ingenuidade do *solao* tem todavia muito de artificioso para que possa competir com o sentimentalismo da escola de Macias e Bernardim Ribeiro. De certo que apreciamos muito mais o *rimance*, tal como existe na tradição popular, tal como foi cultivado por Garrett e pela sua escola, mas não deixamos de reconhecer que o *Cancioneiro* de J. F. de Serpa Pimentel tem incontestavel valor archeologico-poetico, e que os amadores da especialidade não deixarão de o collocar respeitosamente a par dos mais estimaveis volumes das suas collecções.

Eis agora o *soláo* (é o 4.º da collecção) dedicada á tragica morte de D. Ignez de Castro e á fonte que a tradição diz ter-se alimentado com as suas ultimas lagrimas:

IGNEZ DE CASTRO OU A FONTE DOS AMORES

Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.
CAMÕES, *Lusiadas*, canto III.

Porque vem musa cruel
Nas cordas do meu rabel
Negro assumpto pendurar!...
Oh! eu nasci no Mondego,
Morrer não posso em socego,
Sem a triste Ignez cantar.

Linda Ignez, que tanto amaste,
Eu sei como deliraste
Pelas margens do meu rio;
Sei com que olhos viste a lua,
Que saudosa lá fluctua,
Em bella noite de estio;

Eu sei como em manhã pura,
Junto á fonte, que murmura,
Te ias sósinha assentar,
Sei como instantes contaste
Pelas flôres, que apanhaste,
O teu principe a aguardar;

Sei como os olhos formosos
N'esses cedros magestosos
Mui leda estavas fitando,
Com tamanha galhardeza
O primor, a gentileza
Do teu Pedro comparando;

Eu sei com que ternos laços
O cingias em teus braços,
Mal assomava ao portal;
Eu sei as loucas magias
Do beijo que lhe imprimias
No semblante marcial;

Eu sei os doces segredos,
Que sósinhos, mansos, quédos,
Um ao outro murmuravam;
Sei valores *fabulosos*
D'aquelles - sins — tão medrosos,
Que do labio te escapavam;

Sei o que viam as flôres,
Onde os teus e seus amores
Ias, Ignez, occultar;
Sei o sorriso fagueiro,
Que deste ao filho primeiro,
No seu primeiro bradar;

E quando á sombra do cedro
Tu carpias do teu Pedro
A cruel separação,
Eu amei, eu advinho
Qual agudo, doce espinho
Te rasgava o coração.

FOLHETIM

O CASTELLO DE ALMOUROL

II

Em 1663 campeavam ainda intactas as muralhas, as torres, e a cêrca exterior da fortaleza reconstruida no anno de 1170 por D. Gualdim Paes, defronte de Tancos. Cinco seculos, passando por cima d'ellas, não haviam desconjunctado as quadrellas gigantes, nem alluido o cimento indestructivel, que mesmo ainda agora parecem desafiar a acção do tempo e o braço infatigavel dos demolidores. A Ordem do Templo, transferida de Castro Marim para Thomar, a séde da sua victoriosa milicia, estendera rapidamente pela Estremadura os membros robustos. Affonso I, liberalisando-lhe doações e privilegios, e enriquecendo com largos senhorios os monges soldados, confiára quasi exclusivamente ao seu valor a guarda e defeza dos territorios conquistados n'ella. Ega e Soure, Pombal e a Redinha hasteavam as côres do Templo. A Cardiga, Ceras, e outras povoações, cobriam-se tambem com as dobras do famoso estandarte bipartido. As chaves das duas entradas da provincia estavam nas mãos dos cavalleiros. Defronte da moderna Constança, na confluencia dos dois rios, o castello do Zezere cortava o passo aos agarenos da Beira Baixa, emquanto, surgindo do meio das aguas, o castello de Almourol fechava o caminho aos walis do Alemtejo e da Andaluzia.

As ruinas, que vemos hoje debruçadas sobre o rio, contam aos que sabem interrogal-as mais de uma pagina da epopeia portugueza. Assentada sobre um ilheo quasi oval de rochedos sobrepostos, amontoados talvez ali caprichosamente pelo impeto de violenta irrupção vulcanica, as elevadas torres do velho castello, que as voltas do Tejo ora encobrem, ora deixam descortinar de longe, erguem-se mutiladas e enegrecidas pelo halito mirrador dos seculos. Grinaldas de heras penduram-se em festões das ameias desmoronadas, ou se arraigam em tufos virentes nos intersticios dos pannos rotos das muralhas. O arrojo d'aquelles penedos, tão arremessados que o dedo de uma creança parece sufficiente para os fazer escorregar com o muro que os corôa, para o leito do rio, espanta os olhos sobresaltados d'aquelle equilibrio ousado e quasi milagroso. Areias accumuladas, e alguma terra de alluvião formam o soio, aonde cravam as raizes os choupos, os salgueiros e os chorões, cujos troncos torcidos se penduram de cima das fragas até roçarem as aguas com as ramas descabelladas. Piteiras enormes orlam em algumas partes os penhascos aprumados, ou rebentam das fendas das rochas meio precipitadas. Uma vegetação activa e luxuosa veste de verdura aquelle cahos de moles immensas sustidas ha seculos no meio da ameaça constante de uma quéda instantanea.

No anno em que passaram os successos, que refere esta veridica historia, o aspecto do sitio era sim bronco e alpestre, como a natureza o formou, mas a assolação não o havia visitado ainda, aggravando-lhe

Linda Ignez, anjo celeste,
Que outro crime não tiveste
Dos teus amores além,
Porque o teu algoz tão cego
Nas margens d'este Mondego
Não viveu moço tambem?

Oh se o rei cruento vira
Nos verdes annos a pyra,
Em que as azas vens crestar,
Estes rosaes, estas fontes,
Estas veigas, estes montes,
Este sol, este luar;

Estes lindos pomos d'ouro
Pendentes como um thesouro
Da frondosa laranjeira;
Esta lympha cristalina
A tua imagem divina
Reproduzindo fagueira;

Esta relva aljofarada
C'o rocio da alvorada,
Como lagrimas d'amores;
Estas nuvens brancas, lizas,
Este suspirar das brizas
Este balsamo das flôres;

Esta Coimbra tão risonha,
Que adormecida ahi sonha
Recostada no seu monte,
Um sonho todo meiguice,
Que no acordar não desdisse
Esse magico horisonte;

Este listrão resplendente
Da bella areia luzente,
Sobre que chora o salgueiro;
Este barco tão airoso
Que se deslisa formoso
C'o descante do barqueiro;

Estes alamos erguidos,
Este amor, estes gemidos,
Que aqui geme o rouxinol;
Esta verdura dos montes,
Este azul dos horisontes,
Este meigo pôr do sol;

Oh! se o rei nos verdes annos
Se embalasse entre os arcanos
D'este magico vergel,
Oh! talvez que estremecesse,
Te perdoasse, e gemesse,
Não ousando ser cruel.

Mas de Affonso a temp'ra é dura,
Deu-lhe leite a guerra impura;
Nunca teve coração;
Isabel santa que falle,
O bom Diniz que não calle,
Que o digam sanhas de irmão.

— Triste Ignez, porque nasceste
N'essa era infanda, agreste,
Em que o ser cruel foi lei;
Em que amar era um delicto,
E com poder infinito
Mandava em homens um rei!

Triste Ignez, oh! que não possas
Renascer nas eras nossas,
E outra vez teu Pedro amar,
E os foros da liberdade,
E as doçuras d'esta idade
Nos braços d'elle gozar!

Tu nasceste livre, bella,
Candida, pura, singela,
Como a rosinha em botão;
Não te creou, Deus, Ignez,
Para a crua rigidez
D'esses tempos que lá vão.

*

Eu venho, Ignez, n'estas aguas,
Beber tuas doces maguas,
De teu sangue as tradições,
E a façanha crua, negra,
D'esses dois homens de pedra,
Que te mataram, vilões.

Venho chamar á memoria
A triste nefanda historia
D'essas lagrimas que eu sei,
Quando louca, desgrenhada,
C'os filhinhos abraçada,
Clamavas aos pés do rei,

---

a melancolia. Do lado do occidente quatro torres circulares, levantadas como sentinellas de granito a egual distancia umas das outras, alçavam as frontes torvas e já tostadas do tempo. Entre a segunda e a terceira rasgava-se a porta actualmente intransitavel do castello, com a sua volta de ogiva e grossos batentes de castanho chapeado. No meio do guerreiro edificio avultava a torre de menagem, e logo adiante, em curto intervallo, outra quadrada tambem, com os eirados cingidos de ameias. Uma janella ornada de lavores em ramos, aberta a dois terços da altura, esclarecia os aposentos do segundo piso, emquanto da parte oriental duas frestas do mesmo estyllo davam claridade á sala de armas. Cinco torres guarneciam o lado do nascente. Ahi a muralha subia a grande altura, acompanhando as sinuosidades do terreno. O caes ficava ao sul, e o fosso natural, que rodeava os muros, agora cego de entulho, corria profundo e despenhado. No interior da fortaleza, aonde tudo hoje são ruinas e pedras soltas, enroscadas de ervas e de silvas, e aonde os cactus silvestres brotam gigantescos, era o pateo espaçoso por onde se entrava para os andares. Raras e esguias frestas allumiavam aquelles aposentos, pouco espaçosos, mas enfeitados de altas e ricas laçarias. Em 1663 a obra da destruição principiava a annunciar-se apenas. Apesar de nuas, as salas ainda conservavam sua belleza severa, e nos eirados e adarves, se não alvejava havia mais de trezentos annos o manto branco dos templarios, se algumas heras, trepando, se balouçavam á mercê do vento, e se as torres e muralhas mostravam já a côr adusta, que é para os monumentos o que são as cãs nos velhos, um testemunho irrecusavel de que viram e viveram muito, não se tinham esmorecido, comtudo, nem apagado ainda nenhuns dos vestigios dos grandes dias de lucta. Almourol no meio do Tejo, simlhante a um titão com metade do corpo fóra das aguas, ainda podia ameaçar forte e intacto, os que ousassem arriscar-se ao alcance de seus tiros. Firme e inexpugnavel cuidava no vigor de sua robusta velhice zombar dos seculos, como as creanças zombam dos annos, bem alheio de suppor, que na transição da edade grave para a decrepidez sua decadencia seria rapida, e que, espectro de granito, suas ruinas diriam ás gerações indifferentes da nossa época, que eterno e grande só é Deus!

Em uma das salas baixas da velha torre de menagem, toda de abobada, e ornada de mobilia rustica, estavam assentados, um defronte do outro, os dois ricassos da terra, ligados pelos vinculos do parentesco, e mais ainda pelas raizes de interesses reciprocos. O feitor Antonio Rodrigues ajudava piedosamente seu genro e consocio Pedro Lavareda a ingorgitar copiosas libações de um vinho, que escaldaria outras guelas menos estanhadas Sobre a grande mesa de pau santo e pés torneados, que servia de altar aos dois zelosos sacerdotes do Bacho d'aquelles contornos, avultava um alentado cangirão de barro, bojudo, e cheio até á boca. Principiára a anoutecer, e uma candeia enorme de tres bicos, similhante a monstruoso aranhiço, allumiava a casa escassamente. Duas espingardas, carregadas e engatilhadas, jaziam ao canto, promptas para servir á primeira vez.

Antonio Rodrigues era corpulento, espadaúdo, e reforçado. Faces largas e cheias, bastante roliças, pescoço curto e taurino, cabeça enterrada entre os hombros, peito amplo e bombeado, e pernas grossas e firmes denunciavam n'elle o vigor de um athleta unido a uma saude inexpugnavel. Inculcava apenas sessenta annos, mas os visinhos do seu

Quando sublime dizias
O que rudes penedias
Fôra capaz de abrandar;
Quando brotavam gemidos
Maternaes, enternecidos,
D'esse branco seio a arfar;

Quando n'elles se enrolavam
Doces queixas, que matavam
Outrem, que não fosse el-rei;
Quando aos pés do sem-piedade
Invocavas a orphandade
D'essa tua pobre grei;

Quando o crú á sua planta
Tal te vê e não quebranta
A rude sanha feroz;
E co'a mão, que poderosa
Deus só fez para piedosa,
Cruel acena ao algoz...

— Ó Ignez, talvez em eccos
D'estes velhos troncos seccos
Inda resoe fatal
Esse grito gemebundo,
Com que déste adeus ao mundo,
Sob a ponta d'um punhal;

Esse grito, que resume
Da agonia no queixume
Tanta dôr, tanta saudade;
Esse grito, tão profundo,
De quem deixa cá no mundo
Do coração a metade.

*

Corram lagrimas em fio
Sobre o marmore sombrio
Da infeliz no mausoleu...
Ó Camões, tu me perdôa,
Se esta lyra humilde entôa
Um assumpto que é só teu.

Coimbra, outubro de 1836.

J. F. de Serpa Pimentel.

Pela transcripção — *Sousa Viterbo.*

Anniversarios da semana

Domingo 1 — As sr.as: Condessa de Paraty, D. Maria Amalia de Barros Saldanha da Gama (Villa Nova da Rainha), D. Maria da Gloria Soure, D. Maria da Conceição Cabral Metello, D. Julia Alves de Sousa Paes Villas Boas.

E os srs.: Conde da Figueira, D. Manuel de Mendonça de Noronha (Atalaia), D. Vasco de Sousa Coutinho (Balsemão), Antonio da Silva Luz (Coruche), José Maria de Campos Mello (Coriscada).

Segunda-feira 2 — As sr.as: D. Anna da Graça Groot de Faria, D. Luiza da Cunha Menezes, D. Anna d'Aboim, D. Sophia Alves Branco, D. Virginia Carlos Santos, D. Julia Izabel dos Anjos de Sodré Pereira.

E os srs.: Conde da Anadia, Visconde de Midões, Visconde de Figanière, D. Antonio Coelho Lobo da Silveira (Alvito), D. Antonio de Mello, D. Luiz Manuel da Costa, Luiz Candido Pessoa d'Amorim (Vargem).

Terça-feira 3 — As sr.as: Condessa de Paço d'Arcos, D. Eugenia Telles da Gama (Niza), D. Amelia Albertina Dias Ferreira Croft de Moura, D. Emilia Augusta do Canto e Vasconcellos, D. Maria da Graça do Canto e Castro Mascarenhas, D. Julia Corrêa de Sá.

E os srs.: Visconde de Alferrarede, Mauricio d'Oliveira Martins, Roberto James, Alfredo Serzedello.

Quarta-feira 4 — As sr.as: D. Maria Hypolita Schwalbach, D. Violante de Proença Teixeira, D. Justina Candida de Vasconcellos, D Eliza de Figueiredo Cabral, D. Adelaide de Mello Bryner.

E os srs.: Conde da Borralha, Pedro d'Alcantara Travassos Valdez (Bomfim).

Quinta-feira 5 — As sr.as: D. Marianna de Lencastre Castello Branco (Alcaçovas), D. Maria Victorina d'Almeida Brazião (Villa Cova), D. Laura Cardoso Villar, D. Maria Justina Barreto de Pina Sobral, D. Maria das Dores de Mello Pinto de Sousa, D. Maria Carlota de Noronha, D. Gertrudes Magna do Nascimento de Jesus Almeida Margiochi, D. Maria Henriqueta Ferreira, D. Adelaide Carlota Saraiva dos Santos Ferreira.

E os srs.: Marianno de Sousa Feyo (Boa Vista), Conselheiro José d'Azevedo Castello Branco, D. Luiz da Camara Leme Junior, Florido Augusto da Motta e Vasconcellos, Francisco da Guerra Quaresma, José Carlos Meuron, Eduardo A. da Costa Brak-Lamy.

Sexta-feira 6 — As sr.as: Viscondessa da Graça, D. Maria Margarida

---

tempo punham-lhe mais dez sem receio de erro, e acertavam. Mas era uma velhice verde e jovial, que não se inclinava ao peso dos annos, que o trabalho não desfallecia, antes reanimava, e que promettia, assim viçosa e robusta, chegar a um seculo completo, rindo-se dos catharros, dos rheumatismos, e ainda mais da apoplexia fulminante prognosticada pelo douto Esculapio, o licenceado de Tancos, sériamente amuado por nunca ter de receitar nem um xarope áquelle cliente invulneravel ás chuvas, aos frios, e a todas as temeridades, a que um mancebo se não atreveria impunemente!

Antonio Rodrigues trajava á camponeza, com aceio, mas sem bazofia. Gibão e calças de baeta escura, carapuça de lã, e o inseparavel varapau ferrado na ponta constituiam o uniforme do activo Triptolemo. Uma grenha de cabellos grisalhos, crespos e bastos, descia a affrontar-lhe a testa, pouco sulcada de rugas. O sorriso enroscava-se perenne nos beiços grossos e córados. Conservava intactos ainda, e brancos de jaspe, como os de um tubarão, todos os dentes. A barba baixava em andares sobre o peito, e os olhos castanhos, pequenos, e maliciosos, afogados em gordura, dir-se-hiam que espreitavam tudo, meio encobertos. A voz aflautada causava espanto saindo d'aquelle corpo. Finalmente, o nariz grosso e cravejado de botões vinosos, rubros como rubins, assumia dimensões quasi phenomenaes. A expressão da phisionomia era dubia. O observador no primeiro relancear apenas notaria a beatitude do comilão repleto e do bebedor insaciavel. Attentando melhor, e, comparando o olhar, o gesto, e o riso mudaria porém logo de conceito, divisando debaixo d'aquella mascara de Sileno herculeo as feições moraes significativas da astucia, do egoismo brutal e desentranhado, e de uma cubiça incapaz pela avidez de transigir com a honra, com a consciencia e com o dever.

Pedro Lavareda representava o antipoda de seu digno sogro e tio quanto aos dotes physicos. Um hellenista contemplando-os, tomaria um pelo alpha e o outro pelo omega. O genro, magrissimo, quasi esqueleto, assustava os que o viam com o receio de que um dia lhe saltassem os ossos das tibias e dos femurs soltos das ligaduras. Braços de polipo, terminados por mãos e dedos eternos, hombros agudos sobre os quaes o fato dansava como posto em cima de um cabide, rosto comprido, escaveirado, e macilento, acompanhado das melenas esguias de um cabello ruivo e aguado, testa nua que chega quasi á nuca, peito e ventre espalmados, olhos vestos, tortos, encovados, mas vivos ou sorrateiros, boca rasgada quasi até ás orelhas, e beiços finos e desbotados, compunham a lugubre, carrancuda, e exotica pessoa do lavrador mais atilado, avarento e sem escrupulos d'aquellas immediações. Parecia fraco e a desfazer-se; mas as pernas delgadas, como fusos, podiam andar legoas, os braços escarnados encobriam uma força além do commum, e os olhos vesgos só viam torto para os negocios alheios.

Retrato vivo do aspecto mortificado de um franciscano penitente, o velhaco ria-se tanto para dentro como o feitor Antonio Rodrigues se ria para fóra. Uzurario de nascença, hypocrita por indole e verdadeira voragem de liquidos e solidos, digeria como um abestruz e bebia como um areal.

(Continúa).

Rebello da Silva.

de Castello Branco, D. Constancia de Castello Branco, D. Maria Eugenia Barreiros Cardoso, D. Marianna Serzedello Pereira Lima, D. Maria Anna de Almada.

E os srs.: Pedro Bruno d'Almeida, Alvaro Andréa, José Ferreira Nobre, Domingos de Sousa Ribeiro d'Abreu.

Sabbado 7 — As sr.as: D. Maria Rufina Iglezias, D. Izabel Maria da Costa e Castro, D. Maria Luiza de Castro Portugal Cabral Soares d'Albergaria, D. Adelaide Elvira Tavares de Moraes Sarmento, D. Julia de Sousa.

E os srs.: Duque de Loulé, Conselheiro José de Sande Magalhães Mexia, D. José Luiz de Sousa Coutinho, Antonio Maria Cabral da França Mascarenhas.

EPHEMERIDES SEMANAES

23 — Realisa-se no palacio da Pena o jantar offerecido por Sua Magestade El-Rei á officialidade do couraçado russo *Nicolau I.*

— Publicação no *Diario* dos estatutos do novo *Banco Portuense*, organisado pela fusão dos antigos bancos *União* e *Portuense.*

24 — Realisa-se na praça do Campo Pequeno a tourada promovida pela imprensa em favor das victimas do cyclone dos Açores.

— Fallecimento da sr.ª D. Luiza Maria de Lima Ennes, mãe do rs. conselheiro Antonio Ennes.

25 — Regressa de Paris o sr. Vianna Lima, ministro do Brazil em Lisboa.

26 — Assigna-se no ministerio do reino o contracto entre o governo e o director e ajudante de clinica no Instituto Ophtalmologico, srs. drs. Gama Pinto e Mayer.

27 — Publicação no *Diario do Governo* do decreto regulando a importação do trigo, fixando o numero de padarias e o preço do pão.

— Regressa de Tanger a corveta *Affonso de Albuquerque*, que foi em viagem de instrucção dos aspirantes de marinha.

28 — Recepção solemne no paço da Ajuda por motivo do anniversario natalicio de Suas Magestades El-Rei e a Rainha D. Amelia.

29 — Sua Magestade El-Rei passa revista no hyppodromo de Belem, á brigada que executou os ultimos exercicios.

THEATROS E CIRCOS

Reabriu hontem o Colyseu dos Recreios, que se achava fechado desde o começo do verão. A *Viagem á Suissa*, espectaculo composto de zarzuella e mimica, já aqui foi apresentado e muito applaudido, ha annos, no extincto Circo Recreios Withoine.

A parte muzical é insignificante, mas distrae. O importante, porém, do espectaculo é a parte mimica, desempenhada pelos irmãos Renads, que foram ultimamente muito apreciados n'um circo de Madrid. Os taes irmãos Renads são dous inglezes e dous americanos. Pelo visto, são irmãos, por serem descendentes de Adão e Eva. O trabalho d'estes artistas é na realidade muito bem feito, e consiste principalmente em actos de agilidade e de empalmação, executados com a precisão maravilhosa com que os executa qualquer *pic-pocket* amestrado em Londres.

A *Viagem á Suissa*, afóra o trabalho dos irmãos Renads, tem, como dissémos, uma parte comica e muzical. Os artistas encarregados de representar e cantar, comquanto não sejam celebridades, ouvem-se com agrado, e contribuem para tornar o espectaculo variado e mais attrahente. É, pois, um espectaculo que diverte os surdos que vejam e os cegos que ouçam.

Na sexta-feira foi convidada a imprensa jornalistica de Lisboa para assistir ao ensaio geral. Apezar da boa vontade da empreza, o espectaculo não correu com a perfeição que se desejava, em virtude de na viagem se ter deteriorado uma parte do scenario e do machinismo.

A primeira representação, no sabbado, attrahiu uma concorrencia enorme. Quasi toda a plateia e as bancadas da geral estavam occupadas.

O trabalho dos irmãos Renads foi muito applaudido. Houve tres ou quatro espectadores que manifestaram o seu desagrado, porque eram pessôas circumspectas, e não viram de bôa mente as attribulações dos noivos, que fazem a sua primeira viagem n'um *sleeping-carr*. O resto do publico, porém, reagiu contra a manifestação, e fez repetir algumas scenas da peça.

Habituados ás liberdades licenciosas das praças de touros, os descontentes romperam a assobiar e a gritar. A falta de policia, a quem cumpre intervir n'estes casos, animou os discolos, que, afinal, tiveram que ceder perante os applausos enthusiastas da maioria.

*

Gymnasio

A comedia *Anastacia & C.ª* de Eduardo Schwalbach, tem continuado em scena, e a proporcionar enchentes a este theatro.

Annuncia-se para breve uma comedia original de Gervasio Lobato, intitulada *Os Grillos.*

O nome do auctor é uma garantia do merito da peça.

Gervasio Lobato terá, de certo, mais uma occasião de vêr o apreço em que é tido pelos frequentadores d'aquelle theatro.

*

Trindade

É ainda o *Brazileiro Pancracio* que attrae a este theatro todas as noites uma grande concorrencia.

*

Praça de touros

A corrida annunciada para hoje, com o nome de Reverte á frente da sua quadrilha de picadores e bandarilheiros, deve dar uma boa enchente.

Os *afficionados* do notavel artista não se enfastiam de o vêr e de o applaudir.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

JERONYMO MARTINS & F.º

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE-POMMERY

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio. A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1